

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n30.10>

Uma análise multimodal dos vínculos afetivo-sexuais e da relação mãe/filha na *graphic memoir* “Você é minha mãe?”

A multimodal analysis of the affective-sexual bonds and of the mother-daughter relationship in the graphic memoir “Are You My Mother?”

Thayse Silva da Rocha Dias*
Fábio Alexandre Silva Bezerra**

Resumo: Na *graphic memoir* “Você é minha mãe? Um drama em quadrinhos”, Bechdel (2013) recria memórias íntimas da complexidade da relação mãe/filha. Desta forma, a proposta central deste artigo é discutir como a artista representa a experiência da sexualidade, ao recriar memórias da relação mãe-filha explorando recursos visuais e verbais. Para a análise multimodal, utilizamos o suporte teórico-metodológico da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), enfatizando a metafunção composicional. Na discussão teórico-crítica, mobilizamos os conceitos mãe/filha e objeto/amor (BEAUVOIR, 1967), além da ideia de heterossexualidade compulsória (RICH, 1980) e de maternidades como experiências complexas (RICH, 1995). Os resultados, além de revelar intenso uso de recursos multimodais indicativos da relevância do vínculo mãe/filha, na construção subjetiva da sexualidade e nas relações interpessoais, também destacam interferência do paradigma sociocultural cis-heteronormativo em experiências identitárias dissidentes.

Palavras-chave: Alison Bechdel. *Graphic memoir*. Multimodalidade. Sexualidade. Maternidades.

Abstract: In the graphic memoir “Are you My Mother? A comic drama”, Bechdel (2013) recreates intimate memories of the complexity of the mother-daughter relationship. Therefore, the central purpose of this article is to discuss how the artist represents the experience of sexuality by recreating memories of the mother-daughter relationship exploring visual and verbal resources. For the multimodal analysis, the theoretical-methodological support of the grammar of visual design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) was used, emphasizing its compositional dimension. In the theoretical-critical discussion, the concepts of mother-daughter and object-love (BEAUVOIR, 1967) were mobilized, in addition to the idea of compulsory heterosexuality (RICH, 1980) and motherhoods as complex experiences (RICH, 1995). The results, in addition to revealing

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

** Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CNPq).

an intense use of multimodal resources indicating the relevance of the mother-daughter bond in the subjective construction of sexuality and in interpersonal relationships, also highlight the interference of the cisheteronormative sociocultural paradigm in dissident identity experiences.

Keywords: Alison Bechdel. Graphic memoir. Multimodality. Sexuality. Motherhoods.

Introdução

Na contemporaneidade, a complexidade das relações familiares e sociais assume destaque, especialmente quando consideramos os crescentes desafios em uma sociedade cada vez mais interconectada e atravessada por questões identitárias, que apontam para demandas particulares que indivíduos e coletividades enfrentam cotidianamente (COLLINS; BILGE, 2006). Nesse contexto, diferentes áreas do conhecimento têm procurado teorizar sobre essas questões, a fim de apontar possíveis caminhos para a superação de relações de opressão e a criação de novas relações sociopolíticas e econômicas.

Dentre essas áreas, podemos destacar os estudos transviados¹ por seu caráter original de questionamento de normas e padrões sociais impostos às subjetividades, que acabam gerando experiências identitárias dissidentes e marginais, mais expostas ao controle estatal e sociocultural dos corpos e das relações interpessoais. Os estudos identitários transviados surgem e se desenvolvem, portanto, da necessidade de se pensar teoricamente sobre essas opressões, a fim de superá-las, especialmente no espaço das relações sociais e

¹ Assim como proposto por Bento (2014, p. 48), utilizamos o termo *transviado*, em contexto brasileiro, como “tradução cultural” de *queer*, por entender que falarmos de estudos transviados apresenta maior potencial de referência em contexto nacional, ao mesmo tempo em que se reconhece o papel de práticas de translinguagem (CANAGARAJAH, 2013) em (re)criar memórias que nos (re)impulsionem na direção da superação de relações de opressão e de “invisibilizações”.

institucionais, com destaque para o papel da linguagem nesse contexto (BORBA, 2020; LIVIA; HALL, 1997; LOURO, 2020; MISKOLCI, 2020).

No prefácio da segunda edição do livro *Of woman born*, Adrienne Rich (1995) argumenta que somos muito mais do que o encadeamento de informações genéticas, chamando a atenção para o poder das experiências, do acaso, das decisões e rebeliões na constituição da nossa humanidade, destacando, acima de tudo, a influência da ordem social. Em sequência, ressalta as múltiplas relações entre mães e filhas, bem como seus diversos símbolos, subjetividades e significações, que são, por sua vez, atravessadas por diferenças culturais específicas.²

Paralelamente, no livro *O segundo sexo: a experiência vivida*,³ Simone de Beauvoir (1967) discute as relações entre a sociabilização dos gêneros, as subjetividades e as construções de realidades sociais, questionando a legitimidade de concepções hegemônicas sobre as mulheres, ao discutir aspectos fisiológicos, psicológicos, sexuais e sociais.

Já na *graphic memoir* *Você é minha mãe?* Um drama em quadrinhos, publicada pela primeira vez em 2012, e traduzida para o português por Érico Assis em 2013, Bechdel (2013) analisa as tensões e os conflitos na relação mãe/filha, representando em suas memórias um misto de pertencimento e rompimento, de espelhamento e diferença, que se desdobra, desde a infância até a vida adulta, de

² No prefácio, Rich (1995) retoma literaturas do norte global escritas por mulheres negras, latinas, caribenhas, asiáticas e indígenas, trazendo, assim, outras perspectivas/experiências de maternidades por reconhecer a influência de sua própria experiência e da literatura produzida por mulheres brancas anglo-saxônicas de classe média [poderíamos acrescentar aqui cisgênero] na sua obra.

³ Compreendemos a relevância histórica e social da obra de Beauvoir (1967), por se tratar de um marco para o feminismo branco e, posteriormente, para os estudos de gêneros e sexualidades. Entretanto, vale ressaltar que a ótica de análise central da obra se desdobra, a partir de uma perspectiva cisnormativa e centrada nas experiências de mulheres brancas, majoritariamente de classe média, do Norte global e no contexto da época histórica.

maneira significativa em sua identidade e sua lesbianidade (UTELL, 2020). Nesse aspecto, em virtude da influência das relações mães/filhas na autocompreensão e na constituição identitária, as discussões sobre maternidades são relevantes para os estudos acadêmicos, no mesmo tempo em que figuram como um ponto de investigação para os estudos identitários e a crítica feminista.

Tendo em vista a linguagem multimodal do texto em análise, optamos por analisar a *graphic memoir* para além do texto verbal com o objetivo duplo de contrapor a inferiorização de obras gráficas no cânone literário e de analisar produções multimodais, destacando suas potencialidades na construção de sentidos a partir da mobilização e da inter-relação entre elementos e modos semióticos. Notadamente, apesar do reconhecimento dos trabalhos de Bechdel na contemporaneidade e das pesquisas que investigam suas produções (BAUER, 2014; CHUTE, 2010; DALMASO, 2010, 2015), pouca atenção tem sido conferida à *graphic memoir* *Você é minha mãe* (2013), especialmente no âmbito da crítica literária brasileira e em investigações multimodais.

De forma objetiva, sintetizamos os questionamentos que orientam a presente pesquisa, nas seguintes perguntas: Como a experiência da maternidade é representada na *graphic memoir*, em relação a questões de gêneros e sexualidades, a partir da relação mãe/filha e de relacionamentos afetivo-sexuais? Quais os recursos verbais e não verbais mobilizados para abordar esses temas? Como podemos relacionar a análise desses recursos multimodais com as óticas teóricas que discutem os temas centrais? A partir destes questionamentos, analisamos como a artista recompõe suas experiências subjetivas e sociais que se relacionam aos temas supracitados, nas suas reflexões e representações sobre o espaço entre o *self* e o Outro.

Desta forma, nosso objetivo geral é analisar lugares de encontros-conflitos na relação mãe/filha e em certos desdobramentos afetivo-

sexuais na *graphic memoir* *Você é minha mãe?* Um drama em quadrinhos (BECHDEL, 2013). Para tanto, a pesquisa se estrutura a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) identificar marcas conceituais sobre maternidades, sexualidades e sociabilização de gênero, com foco nas relações afetivo-sexuais, especialmente no eixo mãe/filha; 2) desenvolver uma análise multimodal do texto recortado da *graphic memoir*, a fim de identificar recursos mobilizados; e 3) Discutir os resultados da análise multimodal, a partir dos conceitos basilares propostos por Beauvoir (1967) e Rich (1980, 1995).

Procedimentos metodológicos

Este artigo apresenta análise e discussão de um recorte da obra *Você é minha mãe?* (2013), abordando temas como maternidades, sexualidades e sociabilização de gêneros, por meio da mobilização de recursos multimodais para a composição da obra gráfica.

O desenho desta pesquisa, de natureza qualitativa, e de caráter interpretativo, tem início com a pré-análise dos textos multimodais da *graphic memoir*, que se relacionavam, de maneira mais direta, com os objetivos descritos. A partir dessa seleção inicial, selecionamos alguns trechos que representassem a relação mãe/filha em sua complexidade, seus potenciais e seus atravessamentos.

Dos dois trechos que tratam da temática selecionada, qual seja a representação da relação mãe/filha, a partir de uma visão panorâmica das relações materno-afetivo-sexuais representadas (BECHDEL, 2013, p. 22, 286-289), escolhemos o texto multimodal da p. 22 da *graphic memoir* (Figura 1), por englobar esse espectro temático mais amplamente, permitindo a análise de razoável quantidade de dados para os fins desta publicação. O outro trecho, apesar de também tratar da temática de maneira relevante, não foi escolhido por ocupar quatro

páginas do livro (p. 286-289), inviabilizando sua inserção por limitações de espaço deste artigo, e também por questões de direitos autorais.⁴

Nas análises, apresentamos o trecho selecionado, para então desenvolver a análise multimodal, com ênfase na dimensão composicional (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Em seguida, esses dados são discutidos, a partir dos conceitos teóricos também apresentados na próxima seção, advindos principalmente dos livros *O segundo sexo: a experiência vivida* (BEAUVOIR, 1967), *Of woman born* (RICH, 1995), e do artigo “Compulsory heterosexuality and lesbian existence” (RICH, 1980) – sendo também referenciados e fortalecidos por pesquisas mais recentes: Butler (2003, 2004b); Ellis (2015); Farvid (2015); Grigorovich (2014).

Multimodalidade: a gramática do *design* visual

As novas configurações globais na contemporaneidade reconfiguram continuamente condições e características sociais, a partir de tecnologias e ferramentas que modificam relações de poder e afetam profundamente as formas de representação e comunicação no século XXI, impulsionando a mobilização de diferentes modos de linguagem e, paralelamente, investigações acadêmicas sobre processos multimodais de construção de sentido. Nessa ótica, enquanto área de investigação, a multimodalidade tem se debruçado sobre a articulação dos modos

⁴ Porção limitada de material protegido por direitos autorais pode ser usada, quando consistir em uso justo. De acordo com a Seção 107 da Lei de Direitos Autorais dos EUA, país de origem da autora deste livro, “o uso justo de uma obra protegida por direitos autorais, incluindo o uso por reprodução em cópias ou fonogramas ou por qualquer outro meio especificado por esta seção, para fins como crítica, comentário, reportagem de notícias, ensino (incluindo várias cópias para uso em sala de aula), estudos ou pesquisa não é uma violação de direitos autorais” (EUA, 2020, p. 19, tradução nossa). Ademais, a Lei n. 9.610 (BRASIL, 1998), que regulamenta direitos autorais em território brasileiro, especifica ser possível reproduzir pequenos trechos, quando a reprodução em si não é o objetivo principal da nova obra (art. 46). Não obstante, reconhecemos Alison Bechdel como detentora dos direitos autorais sobre o texto utilizado para análise neste artigo (Figura 1).

de linguagem (imagem, textos, sons, gestos, etc.), explorando suas sistemáticas, ao analisar como estes se organizam e se combinam para criar sentidos e representações diversas, a partir de inúmeras inter-relações (JEWITT, 2008).

Nesse contexto, nas primeiras seções de seu livro *Reading images: the grammar of visual design*, Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006, p. 18, tradução nossa) tecem considerações sobre o posicionamento das imagens como objeto central de estudo, pontuando que “pouca atenção tem sido conferida às regularidades de sentido na forma como os elementos são utilizados – ou seja, a sua gramática – pelo menos não de maneira explícita e sistemática.”⁵ Eles organizam as dimensões de significação do texto não verbal, a partir de uma extrapolação da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), em termos de três metafunções, quais sejam: de representação, de interação e de composição.

Devido ao evidente destaque a elementos composicionais no texto em análise (Figura 1), além de questões de limitações de espaço neste texto, descrevemos brevemente, a seguir, os principais conceitos e as categorias de análise da metafunção composicional,⁶ sintetizados, ao final, no Quadro 1. No tocante ao sistema de potenciais significados composicionais, descritos na gramática do *design* visual – GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 176, tradução nossa),⁷ a ênfase se dá “na maneira em que os elementos de representação e de interação se inter-relacionam, na maneira como são integrados em um todo significativo”.

⁵ No original: “not much attention has been paid to the meanings of regularities in the way image elements are used – in short, to their grammar – at least not in explicit or systematic ways”.

⁶ Para uma explicação mais pormenorizada das três metafunções, com auxílio de imagens ilustrativas, sugerimos a leitura do artigo “Multiletramentos: iniciação à análise de imagens” (NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011).

⁷ No original: “the way in which the representational and interactive elements are made to relate to each other, the way they are integrated into a meaningful whole”.

O sistema de valor da informação diz respeito à distribuição dos elementos que compõem o texto multimodal em posições específicas, implicando significados denotativos também particulares como padrões de representação. A primeira possibilidade de distribuição posiciona os elementos na relação esquerda/direita, sendo o(s) elemento(s) posicionado(s) na esquerda reconhecido(s) como informação dada, ao passo que as informações novas se encontram no espaço direito da composição – assim como costumamos relacionar tema/remata ao falar do texto verbal. Outra possibilidade se dá na distribuição dos elementos do texto multimodal, a partir de um eixo horizontal imaginário, posicionando-os no topo (como o ideal a ser atingido) ou na base (reconhecido como o real da representação, aquilo que sustenta a idealização). Fechando as três principais variantes de distribuição, temos o posicionamento no centro (informação mais importante/relevante) e nas margens (informações acessórias/complementares).

Como segunda dimensão da metafunção composicional, o enquadramento expressa a conexão ou desconexão entre os elementos composicionais, nos quais os elementos podem ser interligados em uma mesma unidade informativa, ou representados separadamente, destacando suas identidades particulares (KRESS; LEEUWEN, 2006). A terceira e última dimensão composicional, por sua vez, trata da saliência que determinados elementos do texto multimodal terão em relação a outros, atribuindo-lhes significação de destaque, podendo, por exemplo, ser atingida por estratégias textuais como a nitidez do foco, o contraste do tom, e de cores, o posicionamento em primeiro plano, o tamanho relativo, dentre outros. Por fim, para fins práticos de análise, apresentamos a seguir a síntese desses potenciais significados composicionais (Quadro1), organizando as categorias de análise propostas por Kress e van Leeuwen (2006) e retomadas nesta seção.

Quadro 1 – Síntese da metafunção composicional da GVD

METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL		
SISTEMAS	POSIÇÃO	POTENCIAL DE SIGNIFICAÇÃO
VALOR DA INFORMAÇÃO	Esquerda-direita	À esquerda, a informação dada; à direita, a informação nova.
	Topo-base	No topo, a informação ideal; na base, a informação real.
	Centro-margem	No centro, a informação principal; nas margens, as informações acessórias.
ENQUADRAMENTO	Interligados	Ausência de linhas divisórias entre os elementos, retratados em forte inter-relação.
	Separados	Presença de linhas divisórias entre os elementos, retratados como informações desconectadas.
SALIÊNCIA	Tamanho	Destaque pelo tamanho relativo.
	Cor	Uniformização ou contraste pela coordenação da cor.
	Plano	Destaque no primeiro plano, em relação ao segundo plano (<i>background</i>).
	Foco	Ênfase em um ou mais elementos por meio do foco.
DESCRIÇÃO: Esta metafunção analisa a disposição/diagramação dos elementos textuais, verbais e não verbais, na composição multimodal.		

Fonte: Elaboração das autoras.

Maternidades e sexualidades: mãe/filha e vínculos afetivo-sexuais

As experiências e significações atreladas aos temas maternidades e sexualidades⁸ têm sido discutidas por diversas perspectivas, e em diversas áreas do conhecimento, ao longo do tempo. Rich (1995)

⁸ Nesse momento, utilizamos os termos no plural para explicitar a multiplicidade de perspectivas e experiências, seja em caráter individual ou coletivo, bem como a amplitude de possibilidades e configurações familiares para além de aspectos biológicos, e socioinstitucionais, como a heteronormatividade, cisnormatividade, branquitude e posições econômicas, lidando, assim, com a complexidade de experiências e de identidades (COLLINS; BILGE, 2016).

inicia a discussão sobre maternidade, trazendo uma diferenciação do conceito em dois pontos de um fio: de um lado maternidade enquanto experiência, em seu caráter múltiplo, particular e potencialmente libertador; no outro, a instituição da maternidade, enquanto uma peça central para os sistemas de dominação, exploração e controle que, historicamente, têm restringido o potencial das mulheres.

Com essa ótica de análise, o patriarcado assume uma forma institucional e concreta que atravessa experiências, demarcando a necessidade de reflexões críticas sobre as relações entre as experiências de maternidades e as instituições sociais. Nesse sentido, Gibson (2014) aponta para o poder da instituição da maternidade em reforçar o patriarcado e a cis-heteronormatividade por excluir versões alternativas de ser mãe, excluindo experiências e corpos que escapam às normas.

No tocante a essa instituição, Rich (1995) destaca pressuposições essencialistas que perpassam os constructos sociais dominantes sobre maternidades, que incluem: 1) um sistema binário de gênero que organiza e diferencia pais/mães – filhos/filhas através do qual outras possibilidades não genericadas são excluídas; 2) ideais de reprodução sexual e heterossexualidade como requisito para maternidade; 3) construções sociais que ligam identidade materna e particularidades biológicas (exclusivas de mulheres *cis*), bem como a ideia de instinto materno, de que o vínculo mães – filhos/filhas é único e superior, e do amor natural incondicional da mãe pela cria.

Nessa ótica, Beauvoir (1967) já criticava o viés reducionista com que psicanalistas e filósofos discutiam a sexualidade e o gênero feminino, principalmente no tocante às teorias que reforçam a passividade e a exclusão do gênero feminino. Em diálogo com essa crítica, percebemos a construção sociocultural do gênero feminino, em diversos aspectos da vida social, como aquela que espera; um termo que é também

frequentemente utilizado para se referir à gestação (RICH, 1995). Ainda sobre o tema, Hooks (2000) aponta os contrastes entre as concepções de maternidade difundidas pelas feministas “liberacionistas” brancas de classe média e a vida/experiência das mulheres negras, tanto no que diz respeito à maternidade como uma fonte de opressão e privação quanto na romantização de relações, a partir exclusivamente de vínculos biológicos, advogando, assim, em prol de outras perspectivas de maternidade/parentalidade com a participação ativa dos pais e da comunidade na educação das crianças.

No capítulo intitulado *Motherhood and daughterhood* (RICH, 1995) lemos que, para a filha, a mãe é o primeiro contato com o aconchego, com a sensualidade, a reciprocidade, o amparo e o cuidado. Beauvoir (1967, p. 109), a seu turno, também discute os processos sociais e subjetivos envolvidos na construção de gênero e sexualidade, a partir da compreensão de que “a iniciação sexual da mulher, como a do homem, começa na primeira infância”.

Construindo essa ótica, ela propõe que não há, na primeira infância, uma diferença potencial entre experiências de meninos e de meninas, pois “o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo” e, durante esta fase, ambos “voltam-se para a mãe”, posto que “a intervenção de outrem na vida da criança é quase original”, sendo através dessa intervenção que as crianças são sociabilizadas nos seus gêneros (BEAUVOIR, 1967, p. 9,10). Falando do seu lugar como mãe, Rich (1995, p. 35-36) resgata em sua experiência a estranheza e a atração que sentiu “por um ser tão pequeno, tão dependente, tão retraído em si mesmo, que é, e ainda assim não é, parte dela mesma”, comparando essa excitação ao início de uma paixão.

Ao longo da História, muitas mulheres, incluindo mães não biológicas, têm se apoiado mutuamente no cuidado e na educação

das crianças, assinalando que é com as mulheres que as crianças geralmente associam suas primeiras sensações e experiências sociais. Na mesma direção, Hooks (2000) chama a atenção para o senso de comunidade na educação das crianças, nas configurações de parentalidade das comunidades negras, onde as crianças têm contato com uma multiplicidade de identidades e experiências para além do restrito, privado e isolado núcleo familiar.

É também possível analisar determinadas experiências de maternidades, a partir da discussão de que é por meio dos gestos e das expressões da mãe que o bebê desenvolve sua noção de existência e, ao mesmo tempo, a mãe redescobre uma nova existência por intermédio dessa conexão, de forma que, entre mãe e bebê, há uma ligação invisível, pulsante, poderosa e singular. Ademais, para a mãe, a experiência da amamentação¹¹ pode ser tanto processo fisicamente prazeroso-sexual quanto um ato doloroso, imbuído de culpa e inadequação, especialmente em vista da influência de significações culturais associadas à maternidade. No entanto, após esse período de fusão, a mãe precisará deixar o/a bebê ir, visando a individualidade e o bem-estar de ambos/as (RICH, 1995).

Beauvoir (1967, p. 11) já discutia essa dinâmica de proximidade/afastamento através do termo *desmama*, argumentando que, para a criança, “é mais satisfatório negar a dilaceração do que superá-la, mais radical perder-se no coração do Todo do que se fazer petrificar pela consciência de outrem”. É nesse sentido que, para a autora, “a fusão carnal [entre mãe e bebê] cria uma alienação mais profunda do

⁹ Ressaltamos que, apesar de a amamentação ser uma experiência válida e frequentemente relatada nas escritas de mães *cisgênero* (biológicas e não biológicas), os vínculos fisiológicos, como a gestação e a amamentação, *per si*, não definem ou legitimam as maternidades. Por outro lado, concepções essencialistas dessas experiências e de processos contribuem sistematicamente para o apagamento de outras possibilidades/configurações de famílias/maternidades (ver, por exemplo, a diversidade de experiências relatadas em *Queering motherhood* (GIBSON, 2014).

que qualquer demissão perante o olhar alheio”. Dessa forma, a ruptura entre a mãe e a criança se concretiza pela “frustração física” do contato afetivo e da atenção incondicional, sendo a partir desta experiência que a criança vive intensamente “o abandono de que o ser humano nunca toma consciência senão com angústia” (BEAUVOIR, 1967, p. 12).

Rememorando sua experiência como filha, Rich (1995, p. 218) afirma que “vez após vez, e de diferentes formas, tentou retornar à sua mãe, possui-la novamente e ser repossuída por ela”, enfatizando uma “confirmação mútua” entre mãe/filha que dividem o apetite por criar (im) possibilidades entre si. Além disso, a maternidade também traz à tona a complexidade no fato de que “a filha é para a mãe ao mesmo tempo um duplo e uma outra, ao mesmo tempo a mãe adora-a imperiosamente e lhe é hostil” (BEAUVOIR, 1967, p. 23). No seio dessa complexidade, podem emergir sentimentos de ódio e de rejeição das filhas em relação às mães, por serem social e culturalmente responsabilizadas pela transmissão de restrições, privações e sentimentos de autodesprezo, especialmente em virtude do ofuscamento que frequentemente impede a percepção da confluência de forças sociais, culturais e institucionais que nos atingem.

Neste sentido, a mãe também pode reviver essa condição de mulher, através da sociabilização da filha, reproduzindo determinadas vivências, como forma de reivindicar e se vingar de sua feminilidade ou se afastando da filha como forma de evidenciar sua autonomia, evitando reviver a descoberta do gênero (BEAUVOIR, 1967). Todavia, no decurso da vida, a figura materna adquire para a filha outras significações, e ambas podem vir a experimentar sentimentos conflituosos, visto que “as relações de poder entre mãe e bebê são, frequentemente, um simples reflexo das relações de poder na sociedade patriarcal” (RICH, 1995, p. 38).

Beauvoir (1967, p. 36) afirma que ocorre uma revolta à medida que a filha compreende os antagonismos sociais de superioridade e inferioridade de gênero, pontuando que essa revolta é “tanto mais violenta quanto mais vezes a mãe perdeu o prestígio”. Nesse sentido, é importante refletir de forma crítica sobre os essencialismos reforçados pela instituição da maternidade, através do pressuposto de que a maternidade pode sintetizar integralmente identidades, de que o amor maternal é natural, altruísta e incondicional, ou, ainda, de que mãe e bebê sempre infligem sofrimento entre si. Similarmente, o próprio conceito de instinto materno, sugerindo o amor automático e incondicional da mãe pelo bebê, pode ser contraposto pela reflexão de que “a atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume”, que é, em si, “extremamente variável” (BEAUVOIR, 1967, p. 277-278).

Percebendo na mãe as restrições que lhe são impostas durante a vida, “a filha não quer assemelhar-se a ela”; em vez disso, busca como arquétipos outras figuras de independência e autonomia, como “atrizes, escritoras [e] professoras” (BEAUVOIR, 1967, p. 37). A mãe, por sua vez, também experimenta sentimentos conflituosos e, muitas vezes, se percebe presa nas ondas de amor, ódio, ciúme, esperança e desejo por liberdade. Através da instituição da maternidade, as mães tendem a ser “culpabilizadas” e acusadas de falhar na criação de filhas e filhos. Portanto, sob o poder dessa instituição, a busca pelo ideal de uma “boa mãe” se associa aos conjuntos de normas e demandas que afetam profundamente as experiências da maternidade (RICH, 1995, p. 225).

No decorrer da obra, Beauvoir (1967) discute a interconexão subjetiva entre a relação mãe/filha e futuros relacionamentos afetivo-sexuais, afirmando que a frustração da ternura materna pode transformar-se na necessidade da busca por esta ternura nas demais

relações sexuais ao longo da vida. Já Rich (1995, p. 220) relata que, através do amor pelo corpo da sua mãe, foi capaz de amar a si mesma, ressaltando a importância desta “herança matrilinear”.

Apesar de considerar esse potencial espelhamento, ao tratar da lesbianidade, Beauvoir (1967) explica que a ideia de uma fixação materna pode ter certa influência, mas não é suficiente como fator determinante para discutir a lesbianidade. Por sua vez, as instituições da heterossexualidade e da maternidade criam demandas compulsórias de que a filha transfira, da mãe para homens, sentimentos relacionados às primeiras experiências de dependência, de erotismo e de reciprocidade, ou seja, que redirecione, de forma normativa, sua energia física e psíquica como condição de aceitação social (RICH, 1995).

Essa discussão, por sua vez, aponta para o necessário questionamento do conceito de heterossexualidade como destino natural, evidenciando o caráter compulsório, conforme assinalado por Rich (1980) e, posteriormente, desenvolvido por ela e outras escritoras e pensadoras questionadoras da cis-heteronormatividade. Butler (2003, 2004b), por exemplo, denuncia que os aparatos culturais, sociais e discursivos, utilizados para restringir as experiências de sexualidade, também são acionados para impedir as vivências de outras identidades de gênero.

Isso se dá, por vezes, por meio da criação de contextos nos quais suas próprias vidas são consideradas “invivíveis” (2004a), ao insistir em uma relação de coesão entre gênero, sexualidade e desejo. Farvid (2015), por sua vez, expande a ideia de heterossexualidade compulsória, para se referir à *heteronormatividade*, como um conjunto de práticas socioculturais e institucionais que são postas em movimento para a manutenção de uma suposta normatividade da relação entre gênero e sexo biológico.

Tendo apresentado o espaço teórico em que se dará a discussão dos dados provenientes da análise multimodal, podemos sintetizar esse norteamto conceitual, na compreensão de que maternidades, gêneros e sexualidades são marcas identitárias que existem nas experiências individuais, em correlação com outras subjetividades, sendo compreendidos como coconstruções socioculturais (GRIGOROVICH, 2014).

Análise e discussões

Nesta seção, desenvolvemos a análise multimodal, com base no suporte teórico-metodológico da GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), e discutimos os resultados, a partir do norteamto teórico-crítico centrado em Beauvoir (1967) e Rich (1980, 1995), mas complementado por Butler (2003, 2004b), Farvid (2015), Gibson (2014) e Books (2000).

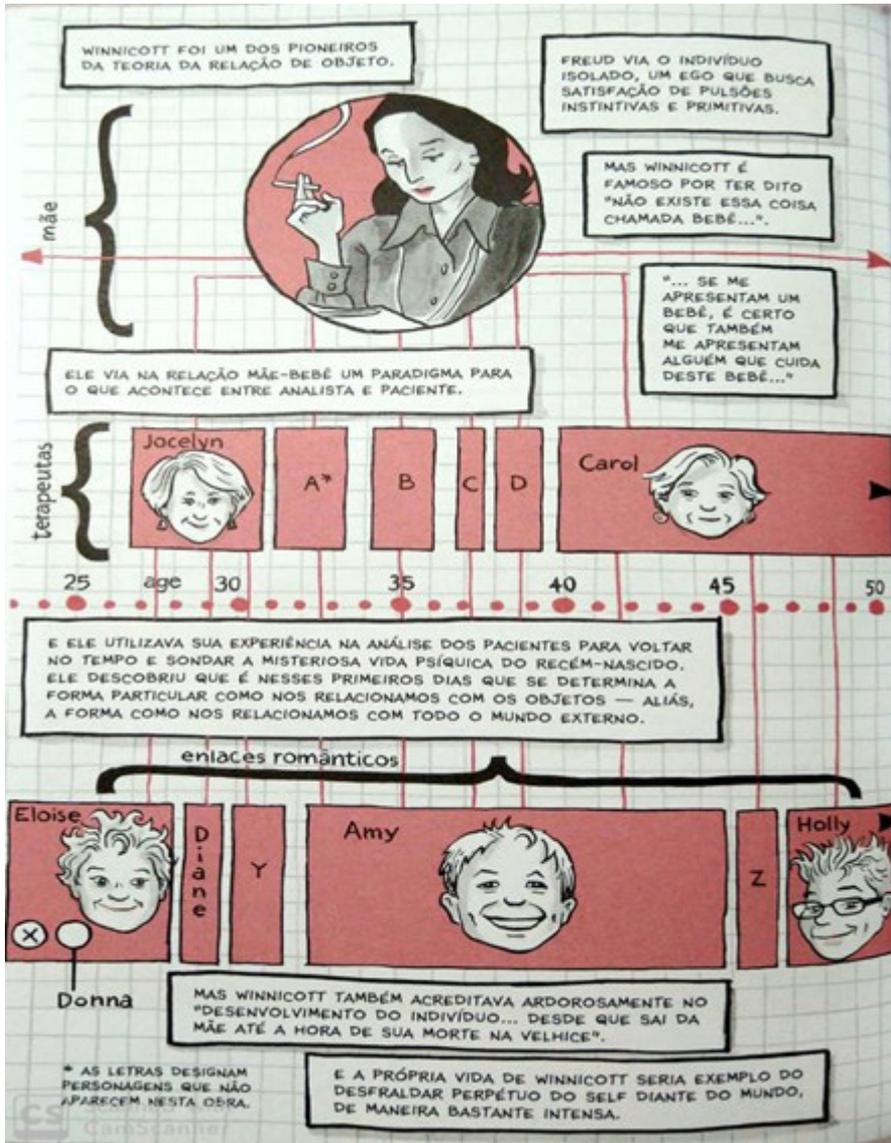
No título do capítulo *Mãe dedicada comum*, Bechdel (2013) faz referência ao conceito desenvolvido pelo psicanalista britânico Donald Winnicott, que analisa a posição da mãe como provedora de meios para que a criança alcance um desenvolvimento emocional e psicológico saudável. No desenvolvimento da obra, Bechdel (2013) dialoga com os conceitos de Winnicott (1953) e representa suas experiências interpessoais com foco nas interações com a mãe, com as terapeutas e com as namoradas. Nessa ótica, a mãe é o primeiro contato da criança com o aconchego, a sensualidade, a reciprocidade, o amparo e o cuidado. Não obstante, ao longo da História, muitas mulheres, como irmãs, tias, avós e mães não biológicas assumem esse papel ao se perceberem responsáveis pela educação das crianças, sendo também associadas a esse universo primário (RICH, 1995).

Paralelamente, a instituição da maternidade sistematicamente culpabiliza as mães e/ou as figuras maternas, ao responsabilizá-las por qualquer falha na criação das/os filhas/os. Por conseguinte, é

interessante refletirmos profundamente sobre como ideais inalcançáveis de maternidade difundem as demandas dessa instituição, tendo em vista que a boa mãe será aquela que, exaustiva e compulsoriamente, busca cumprir os requisitos socioculturais atribuídos à maternidade, enquanto vivencia uma série de sentimentos negativos e conflituosos na autocompreensão da sua experiência e identidade (RICH, 1995).

A fim de aprofundarmos essa discussão, que pode nos conduzir a uma compreensão mais amadurecida e não essencialista de maternidades e sexualidades, selecionamos para análise o excerto em que a Bechdel (2013) representa um quadro panorâmico e temporal dos eixos narrativos da sua *graphic memoir* (Figura 1). No intuito de fornecer uma visão mais sintética de resultados da análise multimodal, apresentamos, ao final desta seção, resumo do desenho composicional do texto em discussão (Quadro 2).

Figura 1 – Mãe/filha: Objeto/amor



Fonte: Bechdel (2013, p. 22).

No que diz respeito à metafunção composicional (Quadro 1), ressaltamos alguns pontos principais. O primeiro se refere à posição da mãe, no sistema de valor da informação, que ocupa o topo da

composição, sendo, portanto, retratada como a idealização do real representado por seus enlaces românticos. Vejamos, ademais, que essa relação transicional entre real (namoradas) e ideal (mãe) é mediada pelas terapeutas, em posição de intermediação das relações, própria desse universo profissional, com base em “princípios e normas que devem se pautar pelo respeito ao sujeito humano e seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2005, p. 5).

Ainda sobre o aspecto do valor das informações que compõem este texto multimodal em análise (Fig. 1), percebemos como a composição criada é complexa por também explorar os outros dois padrões possíveis (dado/novo, e centro/margem), mesmo que em destaque menor que o padrão real/ideal já explicitado. Em relação de dado/novo, temos as terapeutas Jocelyn e Carol. Com o auxílio da linha do tempo, percebemos que Jocelyn foi sua terapeuta entre seus 26 e 30 anos, tendo passado por quatro outras terapeutas, cada uma por um espaço de tempo menor que esse inicial, para só então estabelecer a relação de terapia com Carol, aos 41 anos, que a acompanha até o momento da produção deste texto multimodal, quando já tinha mais de 50 anos.

Quanto à disposição centro/margem, podemos ver que Amy é posicionada como elemento central em seus enlaces amorosos, com quem se relacionou dos 32 aos 44 anos, período em que experienciou a terapia com cinco das seis terapeutas que já passaram por sua vida – sendo relevante, também, notar que Amy é representada com o sorriso mais largo. Em extremos temporais opostos, vemos Eloise e Holly, ocupando, neste texto multimodal em específico, lugar acessório quanto à temporalidade, em relação ao relacionamento central. Obviamente, não é possível afirmar que o relacionamento com Amy foi o mais importante apenas por ter sido mais longo; o que podemos depreender,

contudo, é que a escolha de Bechdel foi centralizar Amy precisamente por ter enfatizado o aspecto temporal.

Com relação ao enquadramento, ocorre a mobilização de diferentes formas geométricas: o círculo, na representação da mãe e retângulos e quadrados ao representar as terapeutas/namoradas. Desta forma, na estrutura narrativa, a utilização do círculo indica tanto a independência e a autonomia da figura materna, como a conexão com a constituição subjetiva da filha. Essa realização se conecta com as discussões teórico-críticas sobre maternidade, especialmente no que tange às figuras, ou aos arquétipos maternos constituintes desse universo primário, que exerce potencial influência na constituição subjetiva e identitária (BEAUVOIR, 1967; RICH, 1995). Nesse sentido, o círculo contrasta com o retângulo e o quadrado, visto que estes simbolizam ações racionais sobre o mundo, posteriores à ordem natural. A circularidade atribuída à figura materna também lhe atribui sentido como elemento primário, atemporal e indispensável da composição da subjetividade; tal qual o círculo, sua mãe é infinita e independente – a partir de cuja autoridade Bechdel se estrutura.

Ela é também a informação ideal da composição retratada, com o apelo emotivo da idealização, como potencial influência sobre as relações da filha com as terapeutas e seus enlances românticos (real). Além disso, nas páginas iniciais da *graphic memoir*, Bechdel (2013, p. 6-7) discorre sobre o processo criativo pontuando que encontra um grande problema, quando busca as memórias de sua mãe, afirmando “que talvez não exista um começo”. A busca e a ausência de um ponto demarcado de princípio e distinção entre mãe e filha se relaciona-se com esse processo contínuo de aprendizado mútuo, ou seja, como parte de uma herança matrilinear (RICH, 1995).

No tocante à coesão da composição, destacamos a mobilização do sistema de saliência (Quadro 1) por evidenciar determinados elementos

composicionais na cor vermelha em contraste com o *background* da imagem. Além disso, a mãe é representada de forma comparativamente mais realista, em tamanho maior, visto que ela é o elemento de foco, com maior potencial para atrair a atenção das(os) leitoras(es). A mobilização da cor produz o destaque das participantes, mas também pode ser compreendida pelas suas significações culturais, ao conectar todos os elementos e estabelecer a coesão da composição que representa a vida da memorista.

Neste sentido, a utilização da cor vermelha pode ser interpretada em relação a diversos potenciais simbólicos: primeiro, o vermelho é a cor do sangue e da vida; o sangue, por sua vez, pode ser percebido como uma conexão consanguínea (mãe/filha), mas também como símbolo de sofrimento, por exemplo, o sangue derramado ou a vida que se perde. Além disso, o vermelho também é culturalmente associado ao amor, à paixão e à performatividade de feminilidade (notem que a mãe é a única participante na imagem usando batom, que, por sinal, é vermelho), indicando a ligação entre esses aspectos e as relações afetivo-sexuais. Na Tabela No Quadro 2, estão resumidos os principais resultados da análise multimodal aqui desenvolvida.

Quadro 2 – Síntese da análise composicional da Figura 1

METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL		
SISTEMAS	POSIÇÃO	POTENCIAL DE SIGNIFICAÇÃO
VALOR DA INFORMAÇÃO	Centro-margem	Valor da informação: Mãe (ideal) Terapeutas (centro) Namoradas (real).
ENQUADRAMENTO	Separados	Mãe (círculo) Terapeutas e namoradas (retângulos e quadrados).
SALIÊNCIA	Tamanho	Elementos com diferentes tamanhos e utilização da cor vermelha para imprimir destaque.
	Cor	

Fonte: Elaboração das autoras.

No texto multimodal, há também a presença de uma voz narrativa, que não é analisada como um processo mental (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), visto que os enunciados não se originam de participantes representadas(os) no texto, mas de uma voz que se entrelaça com a linguagem visual ao longo da *graphic memoir*. Como já apontado, Bechdel (2013) trabalha, em seu processo criativo, com diferentes potenciais de realizações dos modos de linguagem, construindo, paralelamente, uma história visual e verbal em que os sentidos dialogam no texto multimodal.

Neste trecho analisado, como no restante da *graphic memoir*, Bechdel (2013, p. 22) redesenha as palavras de Winnicott, quando afirma que “não existe essa coisa chamada bebê, [pois] se me apresentam um bebê, é certo que também me apresentam alguém que cuida deste bebê”, enfatizando que, para o psicanalista, a relação mãe/bebê é um arquétipo da relação entre terapeuta/paciente. Dessa maneira, a voz narrativa nos fornece evidências do espelhamento da relação mãe/filha nos relacionamentos afetivos e românticos, reafirmando o conceito do psicanalista de que “é nesses primeiros anos de vida que se determina a forma particular como nos relacionamos com os objetos [e] como nos relacionamos com todo o mundo externo” (BECHDEL, 2013, p. 22).

Entretanto, apesar da relevância dos primeiros anos e da relação mãe/filha, Winnicott (1953) reconhece que o desenvolvimento do indivíduo é um processo relacional que se desdobra ao longo da vida. Dessa forma, com o passar dos anos, as significações atribuídas à mãe e a relação mãe/filha, em si, podem passar por períodos de conflito, visto que “as relações de poder entre mãe e bebê são, frequentemente, um simples reflexo das relações de poder na sociedade patriarcal” (RICH, 1995, p. 38).

Nessa ótica, o desenvolvimento da mulher ocorre também através do aprendizado que se prolonga no espaço/tempo de vida

e que sofre grande influência da mediação na autocompreensão da identidade, realizando um movimento contínuo entre passado, presente e futuro, bem como inaugurando possibilidades de rompimento com as expectativas socioculturais, que impõem à mulher uma experiência passiva. Tratando-se da relação mãe/bebê na primeira infância, a descoberta do mundo é um processo mediado pelas relações com os outros, principalmente com a figura materna, visto que, na fase sensória, o bebê objetiva sua sensibilidade na mãe (BEAUVOIR, 1967).

De acordo com Rich (1995), as instituições da maternidade e da heterossexualidade compulsória normatizam demandas de transferência das cargas de energia, física e psíquica, vivenciadas entre mãe e filha para figuras masculinas, com o objetivo de adequar a filha à percepção hegemônica de desenvolvimento psicossocial. Desta forma, um dos pontos de correlação entre esses conceitos e o texto analisado (Fig. 1) ocorre pela representação da mãe como um atributo relacional-atemporal.

Sendo assim, é importante refletirmos sobre a instituição da maternidade, ao analisar os efeitos da visão cis-heteronormativa sobre o que significa ser mãe, da imposição de comportamentos e de sentimentos socializados como naturais e/ou adequados, do pressuposto de que maternidade preenche integralmente a identidade mulher, da naturalização do isolamento entre mãe e bebê, da visão essencialista do amor materno, como automaticamente altruísta e/ou incondicional, da ideia de que a mãe e o/a bebê estão destinados/as a causar sofrimento mútuo (RICH, 1995).

Não obstante, não podemos perder de vista a discussão de Hooks (2000) ao evidenciar o reducionismo nas discussões do feminismo branco liberal sobre maternidade, particularmente por ter como recorte mulheres brancas [cisgênero, frequentemente heterossexuais] e de classe média, argumentando que as crianças precisam ter contato

com múltiplas identidades, relações e experiências através de uma educação comunitária, na qual, em oposição ao núcleo familiar isolado e à centralidade materna, os pais e a comunidade são tão relevantes e corresponsáveis no desenvolvimento da criança quanto as mães.

No decurso da sociabilização, a dilaceração da simbiose inicial entre mãe e bebê é discutida como uma realização traumática, em que, para criança “é mais fácil negar a separação do que superá-la” (BEAUVOIR, 1967, p. 11). A esse respeito, no desenvolvimento da *graphic memoir*, Bechdel (2013, p. 35-36) retoma concepções winnicottianas para discutir, por meio da voz narrativa, a fusão mãe/bebê, relatando que “o fato de dois seres distintos serem idênticos – serem um [...] soa a coisa mais mística, mais transcendente das leis da realidade cotidiana, que existe”. Essa forte relação pode ser percebida na Figura 1 pela mobilização dos recursos visuais que posicionam a mãe como elemento ideal e como participante superordenada, sugerindo seu lugar de núcleo emocional, com impacto singular nas experiências subjetivas e interpessoais da filha.

Discutindo particularmente a relação entre mãe e filha, Beauvoir (1967) enfatiza a complexidade deste vínculo, apontando seu futuro potencial em estabelecer possibilidades e restrições às situações corporificadas no processo de tornar-se mulher. Ademais, afirma que essa relação primária tem potencial influência sobre a experiência da sexualidade, argumentado que a frustração da ternura materna pode levar a filha a buscar essa ternura durante a vida adulta. De forma semelhante, no relato da sua vivência como filha, Rich (1995, p. 218) destaca o desejo de “retornar à sua mãe, possuí-la novamente e ser repossuída por ela”, argumentando que entre mãe e filha ocorre uma “confirmação mútua”.

A seguir, retomamos o objetivo central deste artigo e as perguntas de pesquisa que nortearam as análises e discussões, a fim de sintetizar os principais resultados alcançados.

Considerações finais

Neste artigo, como objetivo central buscamos analisar a mobilização de recursos multimodais utilizados por Bechdel (2013), nas representações criadas no excerto analisado para discutir maternidades e sexualidades como temas centrais da *graphic memoir*, especificamente as representações da relação mãe/filha e dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Nesse sentido, Gibson (2014, p. 9) ressalta que o tema da maternidade “e as práticas de parentalidade” estiveram durante muito tempo fora de foco nas investigações acadêmicas pelo *status* de “baixa teoria”, em virtude de concepções generalistas atreladas ao “senso comum” ou à “inevitabilidade biológica”. Dessa forma, muitos processos antes inicialmente percebidos como naturais, imutáveis ou inevitáveis, como “sexualidade, concepção, gestação, casamento, parentalidade”, foram desestabilizados, trazendo à tona a necessidade de pensarmos categorias antes desconsideradas, como “família, mãe, pai, progenitores, crias, fraternidade e, claro, a família em si” (SARDADVAR; MIKO, 2014, p. 151).

Quanto ao posicionamento das *graphic memoirs* no âmbito da produção e da crítica literária, especificamente no que concerne à importância de investigar as potencialidades dos modos de linguagem na tradução, recriação e representação das experiências vividas em sociedade, esperamos ter contribuído no sentido de demonstrar as amplas possibilidades de abordagem, por meio da *graphic memoir*, de temáticas altamente relevantes na sociedade contemporânea, ao mobilizar elementos verbo-visuais que realizam amplos potenciais de

sentido, na interface entre literatura e linguística, trazendo atenção para duplo potencial de representação das experiências vividas.

No que diz respeito às óticas teórico-críticas que fundamentam a análise (BEAUVOIR, 1967; BUTLER, 2003, 2004b; FARVID, 2015; GIBSON, 2014; HOOKS, 2000; RICH, 1980, 1995), a aplicabilidade dessas teorias tem uma profunda relação com o contexto de produção da *graphic memoir*, os eixos identitários da artista e o tema central da obra. No tocante à Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), lidamos com um suporte teórico-metodológico com forte potencial de orientação para a análise de diversos textos multimodais e de produções visuais do Ocidente.

Em relação aos resultados das análises, esta pesquisa teve como ponto de partida três perguntas centrais: 1) Como a experiência da maternidade é representada na *graphic memoir*, em relação a questões de gêneros e sexualidade, a partir da relação mãe/filha e de relacionamentos afetivo-sexuais?; 2) Quais os recursos verbais e não verbais mobilizados por Bechdel (2013), para abordar esses temas ao representar sua experiência enquanto filha?; e 3) Como podemos relacionar a análise desses recursos multimodais com as óticas teóricas que investigam os temas centrais?

Resumindo os resultados alcançados em relação à análise multimodal (Quadro 2) e à discussão teórico-crítica das representações de Bechdel sobre os temas abordados (Figura 1), destacamos os seguintes pontos principais: (a) a forte conexão com a figura materna (atemporal) e o espelhamento do vínculo materno nas relações afetivo-sexuais pela representação da mãe como participante superordenada e sua posição no campo ideal; (b) a posição de autoridade da mãe, cuja aproximação e (re)interpretação é mediada pelas terapeutas; e (c) a experiência do real por meio dos enlaces amorosos vividos, também ressignificados, por meio do processo terapêutico, evidentemente

influenciado pela maneira como a relação mãe/filha se desenvolveu ao longo de sua vida.

Nesse sentido, ao representar suas vivências, Bechdel (2013) aborda a complexidade e a magnitude da relação mãe/filha discutindo o movimento entre espelhamento/diferenciação (BEAUVOIR, 1967), bem como a dupla perspectiva dessa relação e sua influência sobre a filha, no processo de autocompreensão. Além disso, analisamos também as forças institucionais que agem sobre as experiências de maternidades, através de ideais e/ou normas que, muitas vezes, produzem sentimentos conflituosos e negativos (RICH, 1995). Por fim, destacamos o caráter múltiplo das experiências de maternidades nas diversas possibilidades de relações materno-parentais, que se constituem de forma distinta a depender do contexto analisado, inclusive ressaltando a importância e a responsabilidade da comunidade e dos pais na educação das crianças (HOOKS, 2000).

No último capítulo da *graphic memoir*, instruída pela terapeuta, Bechdel (2013, p. 264) pergunta a Helen: “Qual foi a principal coisa que você aprendeu com sua mãe?” Em resposta à pergunta da filha, Helen afirma: “Que os meninos são mais importantes que as meninas”. Esse trecho da obra assinala a recorrência da desigualdade de gênero, ao apontar como concepções hegemônicas reforçam eixos de opressões que transpassam os processos de sociabilização das crianças, na medida em que são endossadas pelas figuras cuidadoras. Sendo assim, como pesquisadoras e pesquisadores, acreditamos ser nosso compromisso ampliar espaços de “visibilização” para desenvolvermos visões mais inclusivas sobre as diversas subjetividades que constituem a teia social.

Nesse sentido, acreditamos que a escolha de ter lido, analisado e discutido produção literária não hegemônica, de autora lésbica, para, neste momento, estarmos compartilhando essas reflexões com

potenciais leitoras(es), muitas(os) das(os) quais são educadoras(es), pode ser vista como um movimento de contraposição à perspectiva hegemônica, que legitima e perpetua desequilíbrios das esferas acadêmicas e literárias, na produção de conhecimento.

Referências

BAUER, Heike. Vital lines drawn from books: difficult feelings in Alison Bechdel's *Fun Home* and *Are You My Mother?* *Journal of Lesbian Studies*, n. 18, p. 266-281, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BECHDEL, Alison. *Você é minha mãe?: um drama em quadrinhos*. Trad. de Érico Assis. São Paulo: Quadrinhos na CIA, 2013.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, n. 2, p. 46-66, 2014.

BORBA, Rodrigo (org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. *Resolução CFP n. 010/05, de 21 de julho de 2005*. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos auto-

rais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 27 mar. 2021.

BUTLER, Judith. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. Londres, New York: Verso, 2004a.

BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004b.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANAGARAJAH, Suresh. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. Londres, Nova York: Routledge, 2013.

CHUTE, Hillary. *Graphic women: life narrative and contemporary comics*. Nova York: Columbia University Press, 2010.

COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Londres: Polity Press, 2016.

DALMASO, Renata. *Disability and metaphor in the graphic memoir*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DALMASO, Renata. Estranhamente familiar: fronteiras de gênero e sexualidade em *Fun Home* de Alison Bechdel. In: CONGRESSO FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Santa Catarina. *Anais [...]*. Florianópolis: IEG UFSC, 2020. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278289374_ARQUIVO_RDalmasoFG9TrabalhoCompleto-vf.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

ELLIS, Sonja. Lesbian psychology. In: RICHARDS, Christina; BAKER, Meg John (org.). *The palgrave handbook of the psychology of sexuality*. Londres; Nova York: Palgrave MacMillan, 2015. p. 109-128.

EUA. Circular 92. Copyright Law of the United States and Related Laws Contained in Title 17 of the United States Code. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.copyright.gov/title17/title17.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

FARVID, Panteá. Heterosexuality. *In*: RICHARDS, Christina; BARKER, Meg John (org.). *The palgrave handbook of the psychology of sexuality*. Londres; New York: Palgrave MacMillan, 2015. p. 92-108.

GIBSON, Margaret. Introduction: queering motherhood in narrative, theory, and the everyday. *In*: GIBSON, Margaret (org.). *Queering motherhood: narrative and theoretical perspectives*. Bradford: Demeter Press, 2014. p. 1-23.

GRIGOROVICH, Alisa. Pregnant with meaning: an analysis of online media response to Thomas Beatie and his pregnancy. *In*: GIBSON, Margaret F. (org.). *Queering motherhood: narrative and theoretical perspectives*. Canada: Demeter Press, 2014. p. 81-96.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

HOOKS, bell. *Feminism is for everyone: passionate politics*. Cambridge: South End Press, 2000.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. Londres: Routledge, 2006.

JEWITT, Carey. Multimodality and Literacy in school classrooms. *Review of Research in Education*, Universidade de Londres, v. 32, p. 241-267, 30 nov. 2008. DOI 10.3102/0091732X07310586. Disponível em: <http://rre.aera.net>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LIVIA, Anna; HALL, Kira (org.). *Queerly phrased: language, gender and sexuality*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFOP, 2020.

NASCIMENTO, Roseli; BEZERRA, Fábio; HEBERLE, Viviane. Multi-
letramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

RICH, Adrienne. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. 2. ed. rev. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 1995.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SARDADVAR, Karin; MIKO, Katharina. Shifting families: alternative drafts of motherhood. In: GIBSON, Margaret (org.). *Queering motherhood: narrative and theoretical perspectives*. Bradford: Demeter Press, 2014. p. 141-158.

UTELL, Janine. Serializing the self in the space between life and art. In: UTELL, Janine (org.) *The comics of Alison Bechdel: from the outside in*. Jackson: University Press of Mississippi, 2020. p. xiii-xxix.

WINNICOTT, Donald. Transitional objects and transitional phenomena. *International Journal of Psycho-Analysis*, v. 34, p. 89-97, 1953.

Recebido em: 2/4/2021
Aprovado em: 30/6/2021